

Escritores-jornalistas: uma tribo no campo jornalístico brasileiro

Eduardo Ritter¹

Resumo

88

Seguindo o modelo dos países ocidentais, na literatura brasileira é significativa a participação de jornalistas na produção literária de seu tempo. Autores clássicos da literatura ocidental, como Honoré de Balzac, Ernest Hemingway, Truman Capote e Euclides da Cunha são apenas alguns exemplos dos mais conhecidos nesse sentido. Partindo do conceito de tribo jornalística, apresentado por Traquina (2005), pode-se apresentar uma tribo especificamente literária que está inserida no campo jornalístico brasileiro, formada por escritores que atuam ou atuaram nas redações e nas páginas dos livros, tanto no sentido de produção de jornalismo literário, como Caco Barcellos, quanto no de produção de contos e romances, como foi o caso de Erico Verissimo, por exemplo. Considerando isso, para a presente análise do tema, optou-se por restringir o estudo dessa tribo exclusivamente no cenário brasileiro. Para tanto, metodologicamente esse estudo se caracteriza como sendo de tipo exploratório com base na pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; História; Tribo Jornalística, Campo Jornalístico.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS e bolsista Capes. Atualmente faz estágio doutoral (Bolsa Capes Sanduiche) na New York University, Nova York, EUA.

Abstract

Following the model of Western countries, Brazilian literature has significant participation of journalists in the literature of that time. Classics of Western literature, as Honoré de Balzac, Ernest Hemingway, Truman Capote and Euclides da Cunha authors are just some examples of the best known in this way. Based on the concept of journalistic tribe, presented by Traquina (2005), one can present a specifically literary tribe that is inserted in the Brazilian journalistic field, formed by writers who work or have worked in newsrooms and in the pages of books, both in the sense of production of literary journalism as Caco Barcellos, as in the production of short stories and novels, as was the case of Erico Verissimo, for example. Considering that, for the present discussion it was decided to restrict the study of this tribe exclusively in the Brazilian scenario. For that, methodologically this study is characterized as exploratory type based on literature search.

Keywords: Journalism; Literature; History; Journalistic Tribe; Journalistic Field.

1. Introdução

Desde as primeiras publicações de jornais no mundo ocidental, as notícias dividem espaço com a literatura. As redações tornaram-se o lugar (quase) perfeito encontrado pelos escritores para trabalharem de forma remunerada, tanto no Brasil quanto no exterior. Essa relação entre jornalismo e literatura, que foi marcada por grandes escritores-jornalistas, como Ernest Hemingway, Euclides da Cunha, Hunter Thompson, Graciliano Ramos, Honoré de Balzac, Jack London, Jorge Luís Borges e tantos outros, persiste até os dias de hoje, acompanhando o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação.

Partindo do conceito de uma cultura profissional própria do campo jornalístico, apresentado por Traquina (2005), que denominou essa cultura de tribo jornalística, é apresentada nesse artigo, que integra uma pesquisa mais ampla sobre jornalismo literário, uma tribo específica que é pertencente ao campo jornalístico. Essa tribo é formada por escritores que trabalham ou trabalharam dentro das redações como jornalistas e que também entraram para a história da literatura brasileira enquanto atuavam como jornalistas.

Dessa forma, inicialmente é abordado o conceito de tribo jornalística de Traquina (2005) para, em um segundo momento, ser apresentados alguns dos principais escritores-

jornalistas brasileiros. Na última etapa do artigo, apresenta-se o conceito dessa tribo formada por alguns dos principais escritores-jornalistas brasileiros. Reconhece-se que a lista e o período cronológico é muito amplo, pois essa é uma grande tribo no campo jornalístico do Brasil. Portanto, optou-se pela abordagem das obras mais significativas de autores brasileiros, que ilustram a amplitude e a forte existência dessa tribo, onde muitas vezes alguns de seus integrantes fazem parte inconscientemente – de certa forma de uma mesma maneira que muitos autores do estilo New Journalism, que marcou o jornalismo americano nos anos 1960 e 1970 (WOLFE, 2005). Conforme destaca Wolfe, alguns autores que ficaram conhecidos por pertencer ao New Journalism, como Truman Capote e Hunter Thompson, ingressaram no estilo sem se considerar parte dele.

Dessa maneira, da mesma forma que há diversos estudos nesse sentido nos Estados Unidos sobre escritores-jornalistas norte-americanos, acredita-se que há uma carência de produção intelectual analisando esse quadro no Brasil – tanto sob o ponto de vista da historicidade quanto no da prática do jornalismo literário contemporâneo. Em complemento, salienta-se que o presente estudo é fundamental para os estudos acerca do campo jornalístico, tendo em vista que, historicamente, desde o surgimento da imprensa até a contemporaneidade, sempre foi marcante a presença de escritores dentro das redações brasileiras. Antes eram jornalistas do meio impresso, como Erico Verissimo e Machado de Assis, que aproveitavam suas horas de folga para escrever ficção. Agora, jornalistas de TV, como Caco Barcellos que, apesar de ter iniciado a carreira no meio impresso, adotam a mesma rotina: produzir literatura enquanto não estão dentro das redações.

Metodologicamente, esta se caracteriza como uma pesquisa de tipo exploratória, com base na pesquisa qualitativa, trabalhando com o universo de significados, aspirações, crenças, valores, que dizem respeito a um espaço profundo das relações, fenômenos e processos. Esse tipo de pesquisa não é perceptível em números, equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994). Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, com as perguntas direcionadas aos autores, ou ainda, conforme ressalta Teixeira (2005), é a pesquisa feita “se o desejo é formular e encontrar respostas em fontes bibliográficas do campo da educação e outros campos do saber” (TEIXEIRA, 2005, p.118).

2. A tribo jornalística e o campo profissional

Antes de ser apresentada a tribo de escritores-jornalistas brasileiros, é abordada brevemente a formação de um campo jornalístico e a tribo formada pelos profissionais dessa área. Para Bourdieu (2000) o campo jornalístico está diretamente ligado com os campos político e cultural. Para o autor francês (2000, p. 27), campo é

Uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar - ou orientar - todas as opções práticas de pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações que retira o essencial das suas propriedades.

A partir de então, Bourdieu explica que cada campo terá o seu capital simbólico, ou seja, um campo será diferente do outro. Já sobre o campo jornalístico, o sociólogo salienta que ele “impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua estrutura e sua eficácia, à sua estrutura própria” (BOURDIEU, 1997, p.102), acrescentando que a já mencionada autonomia dos jornais e jornalistas está relacionada às forças externas, como as de mercado de leitores e anunciantes. Para o autor:

O mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos. Dizer que ele é autônomo, que tem sua própria lei, significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos. (BOURDIEU, 1997, p. 55).

Barros Filho e Sá Martino (2003), por sua vez, destacam a existência do *campus* e do *habitus* jornalístico. Para eles, “há, entre as estruturas internas do campo do jornalismo, um mecanismo de autopreservação objetivado no exercício constante de uma dupla classificação das ações da imprensa” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 112), mecanismo esse em que aparece a autocrítica dos jornalistas, que garante uma impressão de autonomia, independência e “do livre procedimento dos agentes do campo, afastando do debate as estruturas de campo que, em grande parte, condicionam a prática real” (p. 112). Ou seja, conforme os autores, a crítica dos próprios jornalistas ao jornalismo se torna uma estrutura de campo, uma legitimação dos procedimentos práticos pela crítica feita ao próprio procedimento.

Difundida pelo próprio campo para assegurar sua existência, ganhar e manter a confiança do público, a crítica da profissão por seus principais representantes é garantia de independência [...].

A crítica à profissão é um procedimento adquirido na medida em que os indivíduos vão travando conhecimento com as condições específicas de produção e prática do jornalismo. (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 113).

Os autores também apresentam o conceito de *habitus*:

O *habitus*, portanto, é o princípio gerador e regulador das práticas cotidianas, definindo, em sua atuação conjunta com o contexto no qual está inserido, reações aparentemente espontâneas do sujeito. Uma determinada prática social é produzida a partir da relação entre a estrutura objetiva definidora das condições sociais de produção do *habitus* e as condições nas quais ele pode operar, ou seja, na conjuntura em que está inserido. (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p.115-6).

Barros Filho e Martino (2003) acrescentam que algumas das características subjetivas relacionadas ao bom jornalismo podem ser vistas, na verdade, como características, ou problemas de conflitos que existem para qualquer outro cidadão, não jornalista. “Visto dessa maneira, o jornalismo não teria conflitos inerentes à profissão, mas estaria o tempo todo submetido aos mesmos dilemas éticos de qualquer pessoa” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 116). No entanto, o que diferenciaria o jornalista dos demais cidadãos é o uso das técnicas incorporadas, específicas do campo jornalístico, na busca de chegar o mais próximo possível da isenção, que, em tese, seria comum a qualquer cidadão. Porém,

O *habitus* do jornalista é reconhecido como instância de ruptura entre os sentimentos do ser humano e sua atribuição do papel de comunicador. Assim sendo, a evidente precariedade emocional de um cidadão em face de acontecimentos chocantes ou extraordinários é limitada pelas estruturas de conhecimento e ação incorporadas na atividade jornalística (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 115-6).

Como destacam os autores, o jornalista teria melhores condições de lidar com situações em que o cidadão comum pode se deixar levar apenas pela emoção, além de algumas diferenças sutis referentes à legislação, como, por exemplo, o direito de reservar o sigilo da fonte, que não é permitido ao cidadão comum. “Essas diferenças sutis são a parte visível do poder simbólico incorporado pelo jornalista na prática cotidiana, estruturado em esquemas de ação e percepção” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 117-8). Em complemento, o jornalista também enfrenta situações particulares, como as pressões externas, diferentemente do universo do cidadão comum, que na maioria das vezes não tem o conhecimento dessas especificidades. Para os autores, nesse contexto, os jornalistas não têm poder algum, mas sim os donos das empresas jornalísticas.

A partir de então, o estudo ingressa no universo da crítica ao jornalismo e à autocrítica feita pelos próprios jornalistas, como já mencionado anteriormente. Barros Filho e Martino (2003) lembram que uma das maiores ofensas possíveis a um jornalista é a acusação de que ele está agindo de acordo com interesses que não são os do público, sendo essa situação uma das mais comuns da prática jornalística. “A denúncia de vinculações exteriores ao campo jornalístico elimina qualquer expectativa de nobreza do caráter desinteressado da ação, principal característica do *habitus*” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 123). Dentro desse contexto, entra em conflito o ideal jornalístico com as tendências do mercado, no qual os objetivos comerciais são muitas vezes considerados indignos pelos jornalistas, que acabam criticando a existência da sociedade estabilizada pelo mercado, e pela inserção das empresas que trabalham nesse sistema.

Dentro do campo jornalístico, considerando o conceito de *habitus* mencionado, também há outra teoria sobre a cultura profissional do jornalista, que Nelson Traquina chama de tribo jornalística. Para ele “não é possível compreender as notícias sem uma compreensão da cultura profissional dos profissionais que dedicam suas horas e, às vezes, suas vidas, a esta atividade” (TRAQUINA, 2005, p. 14).

Conforme o teórico português, o processo de profissionalização de um grupo resulta na formação do que ele chama de tribo, ou seja, um grupo de pessoas que partilham interpretações da realidade. Traquina (2005) explica que o termo tribo tem um uso metafórico, que transmite a ideia de que os membros dessa comunidade são pessoas de ação, marcadas por uma atitude anti-intelectual.

Traquina (2005) destaca que a formação dessa tribo jornalística, integrada por profissionais que partilham uma cultura profissional própria, faz com que isso se reflita na forma semelhante com que todos os jornalistas transmitem as notícias para a sociedade. “Uma conseqüência de um pensamento em grupo comum é aquilo que se chama jornalismo em pacote, isto é, os fenômenos frequentemente observados de uma legião de jornalistas cobrindo a mesma história da mesma maneira (TRAQUINA, 2005, p. 26).

Conforme o autor português, os jornalistas são seguidores de notícias que trocam informações entre eles, mesmo fora do ambiente de trabalho. Outro aspecto comum na tribo jornalística é a luta contra o tempo:

Um jornalista é julgado competente não só porque possui o jeito e o conhecimento apropriados, mas também por causa da capacidade de mobilização desse jeito e desses conhecimentos antes do prazo-limite,

de forma a provar que consegue dominar o tempo e não ser dominado por ele (TRAQUINA, 2005, p. 28).

Além das técnicas e especificidades da profissão, a cultura profissional dos jornalistas, ou seja, os integrantes da tribo jornalística, tem outros pontos em comum, como, por exemplo, uma maneira de agir. Como salienta Traquina (2005), os jornalistas, diferentemente dos acadêmicos, são pessoas que trabalham mais com a ação do que com o pensamento. Enquanto os acadêmicos “reúnem informação de modo a construir ou verificar a teoria, ajustando fatos concretos aos enquadramentos teóricos” (TRAQUINA, 2005, p. 44), os jornalistas são pragmáticos, pois “o jornalismo é uma atividade prática, continuamente confrontada com as horas de fechamento e o imperativo de responder à importância atribuída ao valor do imediatismo” (TRAQUINA, 2005, p. 44). Nesse sentido, na gíria profissional, os jornalistas utilizam o termo *faro jornalístico* para se referir à capacidade de identificar uma notícia e desenvolver a pauta dentro do prazo estipulado. No entanto, “a maneira de agir dos jornalistas está intimamente ligada ao saber de procedimento” (TRAQUINA, 2005, p. 46).

Outra característica da profissão é a maneira de falar, denominada por Traquina de *jornalês*. Nessa linguagem, o autor português salienta seis pontos fundamentais: frases curtas, parágrafos curtos, palavras simples, sintaxe direta e econômica, concisão e utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto (TRAQUINA, 2005). Ainda de acordo com o teórico português, resumidamente, a tribo jornalística apresenta três características principais: maneira própria de agir, maneira própria de falar e maneira própria de ver o mundo.

No entanto, vale ressaltar a mitologia que se criou em relação à prática jornalística, ressaltada por Traquina (2005), na qual o público muitas vezes enxerga o jornalista como um cão de guarda que protege o cidadão, ou um quarto poder, que vigia os outros poderes. Casos como Watergate², ocorrido nos Estados Unidos, na década de 1970, foram fundamentais para a constituição desse imaginário. Além disso, há a imagem de que o trabalho do jornalista está sempre relacionado a uma aventura e a sua prática foge

2 O caso Watergate ocorreu na década de 1970, nos Estados Unidos, quando os então novatos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, do Washington Post, começaram a investigar o caso. Durante a campanha eleitoral, cinco pessoas foram detidas quando tentavam fotografar documentos e instalar aparelhos de escuta no escritório do Partido Democrata. Durante muitos meses, os dois repórteres investigaram as ligações entre a Casa Branca e o assalto ao edifício de Watergate, informados por uma pessoa conhecida apenas por Garganta Profunda (Deep Throat, que se revelou em 2005), que denunciava que o presidente Richard Nixon sabia das operações ilegais. Após as denúncias, Nixon renunciou à presidência.

a uma rotina profissional, o que na verdade não ocorre. “Apesar do mito do acontece, o jornalismo é, na realidade, uma atividade marcada pela rotina” (TRAQUINA, 2005, p. 56). A ideia do imaginário criado em torno do jornalista profissional é muito bem resumida pelo teórico português:

Toda a mitologia do repórter, do grande repórter, do jornalista de investigação, representa o jornalista como um caçador. O mito do jornalista caçador invade toda a sua cultura profissional: o jornalista vai atrás do acontecimento, vai atrás da notícia, fura as aparências, revela a verdade, caça a presa. No entanto, diversos estudos do jornalismo mostram bem o peso das rotinas na atividade jornalística, e, com as rotinas, o papel fulcral do desenvolvimento de relações com as fontes de informação. (TRAQUINA, 2005, p. 58).

Obviamente, nem todos os elementos que formam a tribo jornalística, assim como a pergunta “o que é jornalismo?” podem ser fechados em um ensaio ou em um livro, bem como a questão o que torna o jornalismo uma profissão? Esses temas contam com diversos estudos e há inúmeros itens a serem aprofundados. No entanto, como esse não é o objetivo central desta pesquisa, busca-se esclarecer alguns desses aspectos, utilizando parte das perspectivas de autores que aprofundaram melhor essas questões.

3. Uma tribo formada por escritores-jornalistas brasileiros

Analisando a lista do livro “Guia de Leitura” (MASINA, 2009), que apresenta uma lista com 100 autores que entraram para a história da literatura mundial, percebe-se que muitos deles trabalharam como jornalistas ou atuaram como colaboradores em jornais. A lista é extensa, e conta com nomes como Albert Camus, Alberto Moravia, Alejo Carpentier, Alexandre Dumas, Almeida Garret, Bram Stoker, Carlos Fuentes, Charles Dickens, Domingo Faustino Sarmiento, Eça de Queiroz, Edgar Allan Poe, Émile Zola, Ernest Hemingway, Ernesto Sabato, Euclides da Cunha, Fiódor Dostoievski, Franz Kafka, Francis Scott Key Fitzgerald, Gabriel Garcia Márquez, Graciliano Ramos, Graham Greene, Guy de Maupassant, Honoré de Balzac, Ítalo Calvino, Jack London, J.D. Salinger, John Steinbeck, Jorge Luis Borges, José de Alencar, José Saramago, Machado de Assis, Marcel Proust, Mario Vargas Llosa, Mark Twain, Miguel Angel Asturias, Raymond Chandler, Rudyard Kipling, etc. Enfim, poderiam ser incluídos praticamente todos os grandes escritores nesta lista, e o mesmo ocorre com a literatura e o jornalismo brasileiros.

Recorre-se ainda ao pesquisador Montoro (1973), que reitera essa estreita relação: “Difícil encontrar um escritor que não seja jornalista, e a história do jornalismo conta com múltiplas participações diretas de escritores, tanto na gênese do meio de comunicação como em seu desenvolvimento” (MONTORO, 1973, p. 44).³

Além disso, essa relação acaba influenciando, de uma forma ou de outra, a atividade literária, seja em questões relacionadas à linguagem, seja na criação dos enredos e das personagens. Para ficar apenas em um exemplo do mundo ocidental, faz-se referência ao romance autobiográfico “Martin Eden”, de Jack London, em que a personagem principal tenta sobreviver vendendo textos literários para revistas e jornais norte-americanos, e, quando a sua namorada sugere que procure emprego como repórter, ele apresenta a seguinte argumentação:

- Estragaria o meu estilo - foi a resposta, dada numa voz grave, monótona. - Não faz ideia de quanto trabalhei para apurar meu estilo.
- Porém, e essas novelas? Chamam-lhes literatura de cordel. Escreve dezenas delas. Estas não o prejudicam no estilo?
- Não. Os casos são diferentes. As novelas eram rabiscadas depois de um longo e fatigante dia aplicado ao estilo. Mas o trabalho de repórter é todo ele de baixa qualidade, desde manhã até a noite, e quem a ele se dedica não pode pensar em mais nada. Além disso, representa uma vida extremamente agitada, vida que só conta pelo momento presente, sem passado, nem futuro. Não há nela lugar para qualquer estilo que não seja o jornalístico, e a este não se pode chamar literatura. Converter-me agora num repórter, precisamente quando meu estilo está tomando forma, cristalizando-se, seria um autêntico suicídio literário [...] (LONDON, 2003, p. 244).

Aliás, é justamente a partir dessa crise de estilo, apontada por London, que se chega aos escritores-jornalistas brasileiros e que formam uma tribo onde os seus integrantes apresentam características próprias. Para que seja contextualizada essa relação, recorre-se ao livro “O momento literário” (1994), publicado em forma de reportagens no jornal Gazeta de Notícias entre 1904 e 1905, pelo jornalista João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio. Para isso, ele elaborou um questionário para aplicar aos escritores da época. Para a entrevista, João do Rio conta que havia elaborado as seguintes questões, durante uma conversa com um amigo:

- 1) Para sua formação literária, quais os autores que mais contribuíram?
- 2) Das suas obras, qual a que prefere?

³ Tradução do autor.

3) Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporâneas, parece-lhe que no momento atual, no Brasil, atravessamos um período estacionário? Há novas escolas ou há lutas entre antigas e modernas?

4) O desenvolvimento dos centros literários dos estados tenderá a criar literaturas à parte? (RIO, 1994)

No entanto, seu amigo sugeriu mais uma questão, que se tornou a principal do seu questionário:

- Falta alguma coisa ao questionário, falta a pergunta capital, em torno da qual toda a literatura gira, falta a pergunta isoladora das ironias diretas!

- Qual?

Não respondeu. Curvou-se, e numa letra miúda escreveu:

O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?

No dia seguinte, logo pela manhã, mandava para o correio mais de cem cartas. Tinha mergulhado de todo na literatura. (RIO, 1994, p. 9)

A partir de então, João do Rio realizou entrevistas, pessoalmente, com os escritores que moravam no Rio de Janeiro e enviou por carta o questionário para escritores de outros estados. Numericamente, 36 intelectuais responderam ao questionário, dos quais onze responderam que o jornalismo ajuda a atividade literária; dez disseram que prejudica; onze alegaram que ajuda para aqueles que pretendem ingressar no mundo das letras, mas que o jornalismo também pode atrapalhar a sua carreira de escritor; três enviaram as cartas sem conter a resposta para essa pergunta; e um alegou que não se sentia apto a responder.

No entanto, analisando as respostas, percebe-se uma variedade de opiniões acerca do tema, sendo que o único denominador comum entre a maior parte dos escritores é que eles trabalhavam ou haviam trabalhado em uma redação. Olavo Bilac, por exemplo, classificou o trabalho do escritor em uma redação como uma forma de prostituir o seu talento, seguindo a mesma linha de pensamento descrita anteriormente por Jack London:

[...] Se um moço escritor viesse, nesse dia triste, pedir um conselho à minha tristeza e ao meu desconsolado outono, eu lhe diria apenas: Ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento. (RIO, 1994, p.19).

Ou seja, na metáfora de Olavo Bilac, o escritor venderia o seu talento ao jornalismo, da mesma forma que uma prostituta vende o seu corpo ao cliente. Medeiros

de Albuquerque foi outro a metaforizar a relação entre as profissões de jornalistas e escritores:

De um modo geral, a prevenção dos literatos contra o jornalismo é a mesma dos pintores de quadros pelos de tabuletas, dos escultores pelos marmoristas... Sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriais, os cultores da arte se indignam e depreciam sistematicamente os profissionais, que assim se põem na sua vizinhança. (RIO, 1994, p. 73).

Porém, Medeiros de Albuquerque acrescenta que: “o mal não é do jornalismo: é do tempo que lhes toma um ofício qualquer, que não os deixa livres para a meditação e a produção” (RIO, 1994, p. 74), e aponta, em seguida, uma semelhança entre os objetivos do jornalismo e da literatura: “usar de palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer vibrar inteligências e corações” (RIO, 1994, p. 75). Já o escritor Luís Edmundo foi mais direto, respondendo à pergunta de João do Rio (1994, p. 96):

É péssimo, e penso como toda gente.

Nós temos nesta terra duas instituições fatídicas para os homens de letras: uma é a política, a outra é o jornalismo.

O desgraçado que tem talento, ou cai na coluna diária para matar a sua arte a trezentos mil réis por mês ou vai apodrecer numa cadeira no Congresso a ganhar setenta e cinco diários entre os discursos sobre a lei do orçamento e sobre o imposto do gado.

Essa também foi a opinião de Guimarães Passos: “O jornalismo é o balcão. Não pode haver arte onde há trocos; não pode haver arte onde o trabalho é dispersivo” (RIO, 1994, p. 138). O escritor Gustavo Santiago, por sua vez, acentuou as diferenças entre o jornalismo e a literatura:

[...] No jornalismo a nota predominante é o bom senso, a chapa, o lugar comum, o cachet prontinho, tudo como sempre e como em toda parte, e isto é a asfixia lenta da originalidade de cada um, o assassinato frio e pausado do poder criador peculiar a cada individualidade. [...]. Não quer isso, porém, significar que o jornalismo não seja um belo fator de engrandecimento social e sobretudo um magnífico meio de reclame [...] para as nossas obras. (RIO, 1994, p. 268).

Já o escritor Frota Pessoa, respondendo ao questionário, defendeu o jornalismo, mas acrescentou que “o jornalismo presta à arte literária - e isto é intuitivo - todos os serviços de propaganda e difusão rápida, que ela requer para se desenvolver” (RIO, 1994, p. 182). Outro a defender os jornais foi João Luso, que declarou que “as obras dependem dos jornais” (RIO, 1994, p. 193). Após analisar as respostas dos escritores, que, como foi

visto, foram bastante diversas, João do Rio (1994, p. 296), novamente em conversa com um amigo, apresenta suas conclusões, considerando que:

[...] os vencedores acham todos o jornalismo animador, o jornalismo necessário; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plumitivos, ainda não se apossaram das folhas diárias, atacam o jornalismo achando essa ideia uma elegância de primeira ordem. São geralmente os poetas, os poetas que fatalmente tendem a ver o seu mercado diminuído [...].

E compara ainda a literatura à reportagem:

Desde o romantismo, desde Vítor Hugo tende a ser, simplesmente, reportagem impressionista e documentada. É a sua força. A poesia conservou-se no ideal, e por isso, como bem disse Clóvis, tem os seus moldes gastos. - Ainda outro dia um homem, para fazer sucesso em verso na França, teve que fazer uma reportagem poética sobre a vida dos galinheiros [...]. (RIO, 1994, p. 296).

A relação entre as atividades de jornalista e escritor também foi abordada por Nelson Werneck Sodré, que apresenta um panorama da época em que João do Rio fez a pesquisa:

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. O Jornal do Comércio pagava as colaborações entre 30 e 60 mil réis; o Correio da Manhã, 50. Bilac e Medeiros de Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas cr nicas que faziam para a Gazeta de Notícias e O País, respectivamente; em 1906, Adolfo Araújo oferecia 400 mil réis por mês a Alphonsus de Guimaraens para ser redator de A Gazeta, em São Paulo. (SODRÉ, 1977, p. 334).

Cem anos depois do levantamento feito por João do Rio, Costa (2005), repetiu a pesquisa com 32 escritores-jornalistas de todo o Brasil, que começavam a se destacar a partir da década de 1990, entre os anos de 2001 e 2004. Analisando as duas pesquisas, alguns problemas em comum são apontados pela autora, como a falta de retorno financeiro, a falta de tempo que aqueles que trabalham nas redações têm para se dedicar à literatura e a falta de poder aquisitivo da população para comprar livros:

Sem distribui o e comercialização, as tiragens são reduzidas aos mesmos 2 mil exemplares do tempo de João do Rio e o preço do livro, entre vinte e cinquenta reais, torna-se incompatível com o poder aquisitivo da população. Em 2000, segundo o censo do IBGE, o s lario médio no Brasil era de 768,83 reais. Mas 50% dos 44,7 milhões de chefes de família recebiam até 350 reais por mês. Destes, 8 milhões eram analfabetos. O que faz com que comprar um livro, na maioria das casas brasileiras, seja um gasto exorbitante e dispensável. (COSTA, 2005, p. 341).

Porém, até que se chegue a esse quadro, é necessário considerar que a separação mais clara dos dois gêneros começa a se concretizar a partir dos anos 20, após a pesquisa de João do Rio, quando a literatura passa a ganhar menor espaço no jornal, estabelecendo a separação da técnica literária e jornalística, que acaba se intensificando na década de 1950, com a adesão ao modelo utilizado pela imprensa americana, que priorizava a objetividade (COSTA, 2005).

Essa transformação na forma como os jornais passaram a lidar com a notícia não agradou a todos e acabou perdendo boa parte de seu caráter crítico da realidade. Conforme Alves de Abreu (1996, p. 15), na década de 1950 a imprensa passou a abandonar aos poucos a tradição do jornalismo crítico, de combate, e opinativo, em que a política e o factual estavam presentes:

Esse jornalismo de opinião tinha forte influência francesa e foi dominante desde os primórdios da imprensa brasileira até a década de 1969. Foi gradualmente substituído pelo modelo norte-americano: um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação.

100

As alterações na forma como as empresas jornalísticas passaram a tratar a notícia, porém, não permitiu a retirada total da literatura das páginas dos diários. Afinal, até os dias de hoje, as colunas de opinião, as crônicas e os contos ainda são lidos de forma assídua pelos leitores, como ressalta o escritor e jornalista Olinto (1968, p. 12):

Veja-se a crônica, o fenômeno típico do jornalismo brasileiro. De Machado de Assis a Rubem Braga, tem esse gênero sido dos de maior popularidade no Brasil, ao ponto de nenhum jornal se abster de um bom cronista, sob pena de perder leitores.

É justamente na crônica brasileira que muitos jornalistas-escritores contemporâneos encontraram espaço para divulgar o seu trabalho. Após todas essas transformações mencionadas, chega-se às entrevistas realizadas por Cristiane Costa, cem anos depois. Nelas, é percebida novamente uma variedade de respostas. Porém, há uma sintonia com o quadro descrito pelos escritores-jornalistas do início do século passado.

Para Juremir Machado da Silva (2010), por exemplo, o jornalismo é uma profissão que não exige tanto a criatividade quanto a literatura:

Na maior parte das vezes, o jornalista é um carteiro, o sujeito que leva a mensagem ao destinatário. Nada mais. É uma profissão não necessariamente criativa. Já a literatura não pode ser profissão, pois só funciona como iluminação, ruptura, invenção. O resto é negócio.⁴

Machado da Silva (2010, p.17) destaca que ingressou no jornalismo querendo ser escritor. No entanto, acabou abandonando a profissão justamente pelas mudanças que ocorreram nos jornais nas últimas décadas:

Sempre quis ser escritor. Publiquei vários livros e deixei o jornalismo. Mas, para a crítica, continuo jornalista e nem sequer mereço, rigorosamente, a etiqueta de escritor. Há um preconceito contra o exercício de múltiplas atividades. Sou professor universitário e tradutor. Vivo disso. Primeiro o jornalismo me abandonou (fui demitido de Zero Hora por ter brigado com Luis Fernando Verissimo); depois, abandonei o jornalismo, pois havia cada vez menos espaço para escrever literariamente. Além disso, a engrenagem da profissão, transformada em assessoria de imprensa de personalidades da indústria cultural, me repugna.

101

Outro que respondeu afirmativamente à questão sobre o ingresso no jornalismo com o objetivo de ser escritor foi Sérgio Alcides, que também foi entrevistado por Costa:

Sim, mas uma coisa nunca esteve associada à outra, na minha cabeça, pelo menos não a partir da primeira aula que tive sobre jornalismo, na faculdade. Quando ingressei no jornalismo, já queria sair: estava cursando filosofia na PUC-Rio e pretendia fazer mestrado em filosofia da linguagem; larguei o curso porque precisava trabalhar e o emprego que eu tinha era no jornal. Meu maior medo era ser promovido.⁵

Comparando a pesquisa realizada em 2004 com a de João do Rio, em 1904, Cristiane Costa destaca a impossibilidade de se chegar a uma resposta definitiva sobre a questão.

Por mais que tenha entrevistado jornalistas-escritores contemporâneos, vasculhado vidas e obras dos que não estão mais vivos, garanto ser impossível formular uma resposta única para essa pergunta. Cada momento literário ou jornalístico tem seus próprios dilemas. Cada autor, uma forma de lidar com o problema (COSTA, 2005, p. 345).

4 SILVA, Juremir Machado da. Disponível em: <http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=15>. Acesso em: 01 abr. 2010.

5 ALCIDES, Sérgio. Disponível em: <http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=3>. Acesso em: 01 abr. 2010.

Compartilha-se aqui dez dicotomias apresentadas por Costa (2005) referentes a atividade jornalística e a literária, que podem ser apresentadas como alguns dilemas que formam o pensamento dos escritores-jornalistas que formam essa tribo no Brasil: a) arte x mercado; b) artista x trabalhador; c) linguagem condicionada x liberdade criativa; d) experiência x esterilidade; e) visibilidade x preconceito; f) perenidade x imediatismo; g) fato x ficção; h) objetivo x subjetivo; i) tempo x dinheiro; j) local x universal. Essas dicotomias apresentadas são perceptíveis, mas cada uma delas deve ser debatida em estudos específicos para que se tenha uma pesquisa mais ampla e profunda sobre o tema.

4. Considerações finais

Apesar da opinião dos escritores-jornalistas para responder à pergunta elaborada por João do Rio apresentar variações tanto em 1904, quanto um século depois, pode-se perceber que há um perfil que estabelece algumas características em comum dos escritores que buscam na redação uma forma de sobreviver ou de divulgar o seu trabalho. Os dez antagonismos apresentados no final do capítulo anterior, demonstram algumas preocupações em comum que escritores-jornalistas brasileiros apresentam, tendo como base os estudos de João do Rio e Cristiane Costa.

Para além das duas pesquisas que deram base a esse artigo, vale ressaltar outros estudos que também apontam para esse caminho, como a dissertação de mestrado “Jornalismo e literatura: a tribo jornalística de Erico Veríssimo”, (RITTER, 2010). Na referente pesquisa, é apresentada biografia de Erico Verissimo destacando a sua passagem pela imprensa, e aparecem as mesmas questões antagônicas citadas no presente texto. Ou seja, Erico Verissimo, que foi o fundador-presidente da Associação Riograndense de Imprensa, produz literatura na primeira década da carreira (1930) no seu horário de folga fora da redação para, só em um segundo momento, a partir da década de 1940, passar a se dedicar integralmente à literatura (RITTER, 2010). Assim como há o exemplo de Erico Verissimo, outras biografias de escritores-jornalistas, em um estudo mais amplo, também podem servir de exemplo, como as trajetórias de Nelson Rodrigues, descrita por Ruy Castro (1992), a de Caio Fernando Abreu.

Dessa forma, encerra-se o presente artigo, que integra uma pesquisa ampla sobre o tema, destacando que, mais do que clarear respostas, o estudo aponta no autor ainda

mais a vontade de aprender e estudar sobre esse tema. Espera-se, da mesma forma, que o presente artigo também inspire outros pesquisadores a se dedicarem a essa temática que é tão importante para a história do jornalismo brasileiro e também para se entender a permanência dessa tribo na contemporaneidade.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALCIDES, Sérgio. Disponível em: <<http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=3>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BILAC, Olavo. **Vossa insolência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

..... **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**. São Paulo: Schwarcz, (Companhia das Letras), 2005.

ENTREVISTAS. <<http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=15>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

LONDON, Jack. **Martin Eden**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

MASINA, Lea. **Guia de leitura: 100 autores que você precisa ler**. Porto Alegre: LPM, 2009.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica**. Porto Alegre: EDIPUC, 2005.

MONTORO, Jose Acosta. **Periodismo y literatura**. Madrid: Guadarrama, 1973.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo e literatura: a tribo jornalística de Erico Verissimo**. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. Disponível em: <<http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=15>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

SODRÉ, Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, 1997.

WOLFE, Tom. **Radical Chic e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.